

Maria José Dupré

DONA LOLA

Continuação de *Éramos seis*



editora ática

Dona Lola
Continuação de *Éramos seis*
© Maria José Dupré, 1949

<i>Presidência</i>	Mario Ghio Júnior
<i>Direção geral de conteúdo e operações</i>	Wilson Troque
<i>Direção editorial</i>	Lidiane Vivaldini Olo
<i>Gerência editorial</i>	Cintia Sulzer
<i>Coordenação editorial</i>	Fabio Weintraub
<i>Edição</i>	Laura Vecchioli
<i>Planejamento e controle de produção</i>	Flávio Matuguma Juliana Batista Juliana Gonçalves
<i>Preparação</i>	Kandy Saraiva
<i>Revisão</i>	Hélia de Jesus Gonsaga (ger.) Kátia Scaff Marques (coord.) Rosângela Muricy (coord.) Brenda T. M. Morais Daniela Lima Malvina Tomáz Sandra Fernandez Carolina Tressolavy
<i>Coordenação comercial</i>	Negrilo Produção Editorial
<i>Projeto gráfico</i>	Elisa von Randow
<i>Capa</i>	Claudio Faustino (gestão)
<i>Diagramação e edição de arte</i>	Erika Tiemi Yamauchi (coord.) Nathalia Laia (assist.) Sílvio Kligin (ger.) Claudia Bertolazzi (coord.) Jad Silva (pesquisa iconográfica) Fernanda Crevin (tratamento de imagens).
<i>Iconografia</i>	EujarimPhotography/Getty Images Vadim Georgiev/Shutterstock Lia D'Assis
<i>Imagens de capa</i>	
<i>Suplemento de leitura</i>	

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Dupré, Maria José, 1898-1984
Dona Lola / Maria José Dupré. — São Paulo : Ática, 2020.
224 p.

ISBN: 978-85-0819-596-1

1. Ficção brasileira I. Título

19-2859

CDD B869.3

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

CL 702771
CAE: 719160

2020

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
Conheça nosso portal de literatura Coletivo Leitor: www.coletivoleitor.com.br

*Aos nossos valorosos “pracinhas”
que, nos campos da Europa,
lutaram por um mundo melhor.*

DONA LOLA E A ATUALIDADE DE MARIA JOSÉ DUPRÉ

Traduzida para vários idiomas, adaptada para o cinema e para cinco versões televisivas, *Éramos seis* tornou-se um dos livros mais tocantes da literatura brasileira. Ao pensar nessa obra, sempre surgem comentários como: “Aquele livro me tocou, vi um pouco da minha família ali”. É difícil definir o que mantém uma obra literária viva e a torna capaz de mobilizar as emoções das pessoas. Este prefácio tentará explicar por que Maria José Dupré ainda nos fala tão de perto.

Lembro de, nos anos 1990, na cozinha da casa da minha avó, assistir à novela das seis baseada na obra enquanto ela preparava a janta. Uma cozinha de casa suburbana do ABC paulista, comprada com sacrifício, como a da família Lemos. Mesmo em tempos de desconstrução de gêneros e modelos familiares, a história continua viva em muitas casas: seja pelo tom da narrativa, seja pela classe social que retrata, seja pelo ponto de vista feminino. *Éramos seis* é a epopeia da família nuclear urbana brasileira, e *Dona Lola*, o desfecho melancólico da vida de sua protagonista e narradora.

Questão central na obra é o caráter violento de Felício. Impaciente com os filhos, os agride física e psicologicamente sem motivo. Felício é o clássico *pater familias* dos anos 1940 e 50: impecável como provedor, trabalhador incansável e, por isso, se sentindo legitimado no exercício de sua violência. Afinal, acreditava-se que quem coloca comida e dinheiro em casa tudo pode. As forças física e econômica se sobrepõem

brutalmente ao respeito e ao afeto, e o que importa é que Felício, aos olhos dos amigos da família, é um pai exemplar. A situação das mulheres, por sua vez, é bem diversa: A maternidade é um fardo, a vida de dona de casa, repleta de tarefas repetitivas, uma condenação à dor e à infelicidade – e Maria José Dupré traz à tona essa realidade feminina tantas vezes silenciada e negligenciada pela literatura de seu tempo.

Cabe ainda ressaltar o retrato muito particular que o romance faz da Segunda Guerra Mundial, que afetou o Brasil de forma indireta em relação à Europa. Ela está presente de maneira difusa no romance: seja na questão do racionamento que a todos afeta ou no enriquecimento suspeito do filho Julinho. Mas a presença mais forte da guerra é sentida na descrição muito precisa que a autora faz da ansiedade de D. Lola na espera por notícias de Alfredo, o filho que foi combater. Conseguimos sentir com a protagonista o medo da morte de quem está distante e a angústia por notícias, narrada de modo palpitante.

O texto envolvente e de fácil leitura tem relação com a herança modernista já bem digerida dos anos 1940, década do amadurecimento do nosso romance de cunho social – basta pensarmos em Graciliano Ramos, Érico Veríssimo ou mesmo Monteiro Lobato, um dos primeiros a notar com muita perspicácia o talento e o tom “doméstico” e caseiro da prosa de Maria José Dupré.

E é nesse tom único que reside justamente a particularidade de *Dona Lola*: algo inédito na época, ela traz o ponto de vista da dona de casa para dentro da obra literária, conferindo grandeza dramática a janelas que batem, portas que se fecham, crianças que circulam pela sala. É o realismo doméstico, pleno de nostalgia, emoções e simplicidade, que então desponta em nossa literatura – realismo esse que se transformará em aventura metafísica nas mãos de Clarice Lispector. Com Maria José Dupré, o ponto de vista feminino na literatura brasileira solidifica sua voz narrativa e o espaço da casa conquista estatura literária.

Bianca Ribeiro
Professora Doutora em Literatura
Brasileira pela FFLCH-USP

MINHA AMIGA D. GENU APARECEU um dia muito cedo, o rosto afogueado por causa do calor. Estávamos em fins de dezembro, o sol abrasava; foi me encontrar no tanque, lavando roupinhas das crianças. Levantei a cabeça e enxuguei o suor da testa ao ouvir a voz tão conhecida.

— Passei pelo jardim e não vi ninguém. Como vai Isabel? E as crianças? Todos estão com saúde?

Abraçamo-nos. Nem bem respondi, vi que o rosto da minha amiga se sombreava e, com a mão no meu ombro, baixou a voz:

— Sabe quem está muito doente? Desta vez ela não escapa por causa da idade. Prudencinha.

— D. Prudencinha? Estava tão forte a última vez que a visitamos... Ora esta.

— E a idade? Desta vez a coisa é séria. Como a senhora disse que queria ir comigo, passei por aqui.

Ela saboreava a notícia. Meu pensamento voltou-se para a Pensão de Irmãs, onde eu havia residido e os anos pareciam não correr para aquelas que lá moravam e rezavam na Capela todas as manhãs. A multidão de velhas deixava os quartos e vagarosamente se encaminhava para o refeitório onde tomava café. D. Tututa, quinze anos mais moça que D. Prudencinha, que estava naquele tempo com oitenta e cinco primaveras, colocava cuidadosamente o guardanapo branco à volta do pescoço da irmã mais velha e

dava um laço atrás. D. Prudencinha, cansada de tanta idade e tanta vida, tinha a cabeça um pouco fora do lugar e derramava leite no vestido todos os dias, os braços reumáticos perdiam as forças e a irmã encostava-lhe a xícara à boca e ela sorvia o leite fazendo ruído, como criança. Sua boca murcha, de lábios finos, chupava avidamente, depois mastigava torradas com manteiga mostrando as gengivas rosadas e rijas.

Há três anos as duas irmãs viviam na Pensão, a mais moça sempre vigiando a mais velha. Depois do café, as velhas empurravam as cadeiras para trás e, em grupos de quatro e cinco, dirigiam-se à Capela e assistiam à Santa Missa. D. Prudencinha espantava moscas e olhava o padre com indiferença. Quando seu olhar encontrava outro, sorria sacudindo a cabeça, os olhos pequeninos e espertos. Depois da missa, as velhas fechavam-se nos quartos até a hora do almoço, arrumavam gavetas, costuravam, olhavam retratos. Algumas tinham correspondência e respondiam cartas, outras, com o rosário nas mãos, continuavam a rezar para ganhar o céu e a cochilar nas cadeiras de balanço que rangiam suavemente.

A paz era profunda como a do Senhor. Somente no jardim pássaros chilreavam e saltitavam no chão, na relva, nas árvores e na gruta tosca, sobre os ombros de Bernadete que, de joelhos, adorava a Virgem de fita azul na cintura. Quando a sineta tilintava para o almoço, as portas dos quartos se abriam e a multidão de velhas inundava os corredores, a escada, em busca do refeitório. Umas rescendiam a água-de-colônia; outras, a brilhantina rançosa; outras, a remédios ou a azedo. D. Tututa escoltava D. Prudencinha, que andava o mais depressa que podia, pensando na comida. Tinha um apetite insaciável, repetia os pratos, reclamava quando a irmã lhe negava qualquer coisa, batia os pés no chão, fazia cara de choro, os olhos lacrimejando. A boca não cessava de mastigar e, quando via os pratos vazios à sua frente, parava um pouquinho, recostava-se na cadeira, largava o corpo e suspirava pensando na sobremesa e no café. Então D. Tututa limpava-lhe a boca com cuidado e ela tornava a sorrir e arrotava alto, seguindo com olhos de gula a goiabada e o queijo que a empregada depositava na mesa.

Terminado o almoço, as velhas seguiam pelo corredor afora na direção dos quartos; algumas conversavam na salinha falando mal da Pensão, outras faziam tricô, outras saíam a passeio, outras ainda rezavam e cochilavam, o rosário entre os dedos frágeis. Lá fora os dias eram bonitos ou feios, havia guerras ou não havia; para as velhas, eram sempre iguais. Docemente esperavam a morte. E todas as tardes, uma andorinha descansava sobre a cabeça de Bernadete e, enquanto alisava as penas, soltava queixumes trêmulos.

Troquei de sapatos e vesti meu costume preto e surrado para acompanhar minha amiga. Fomos depressa. D. Prudencinha, que apesar da idade era a mais forte das velhas, agora estava com pneumonia. D. Genu arquejava de calor e dos quarteirões que tínhamos de vencer antes de chegar à Pensão.

— Velha com pneumonia é a morte — explicava minha amiga. — Ontem telefonei para saber, estava com quarenta de febre. Desta vez não escapa.

Eu duvidava. Falava na saúde de D. Prudencinha, lembrava que no último Natal todas as velhas haviam tido indigestão e D. Prudencinha, que comera no almoço metade de um pato recheado e meia travessa de castanhas, nada tivera.

— Se não fosse o reumatismo nos braços...

— Mas agora é pneumonia — teimou minha amiga, esbaforida e suarenta. — Acha que uma pessoa com a idade dela pode escapar dessa doença? A senhora vai ver, o caso é gravíssimo.

E andava mais depressa, com medo de que a doente escapasse. Olhei o rosto gordo e suado de D. Genu. Irradiava contentamento. Lembrei-me de que anos atrás, quando éramos vizinhas, eu descobrira com surpresa que ela gostava dos mortos. Farejava de longe quando alguém da vizinhança, fosse quem fosse, estava para morrer. Apresentava-se sorrateira na casa do doente e, com palavras ternas de consolo, voz compungida, preparava-se para passar as noites. Já levava de prevenção, na grande bolsa de couro, pente, escova, às vezes uma blusa para trocar. Prestava serviços inestimáveis, quase alegre; quando o doente morria, com que presteza ela

lidava com o cadáver, com que facilidade e habilidade ela o lavava e o vestia, e punha-lhe flores no peito, penteava-lhe os cabelos com carinho, lembrava detalhes que os parentes tinham esquecido, tomava conta da cozinha, preparava xícaras de café em bandejas que descobria na despensa, ordenava canja para os que passavam a noite. Solícita, maternal, incansável. Se o morto era moça, passava-lhe levemente batom nos lábios, arrumava com cuidado os cabelos, enfeitava-os. De quando em quando espevitava as velas, tirava o espermacete*, acariciava a cabeça do defunto. Tornava a arrumar as flores e, no seu passo cadenciado, ia para os fundos da casa, cochichava com um, falava com outro, voltava, dona de tudo. Continuamos a andar, a Pensão estava perto. D. Genu deu uma palmadinha na bolsa:

— Trago aqui as coisas para passar a noite. Creio que ela não amanhece, sou muito prevenida.

Entramos. O silêncio era maior na Pensão; quando nossos passos ressoaram no corredor, as cabeças das velhas surgiram nos vãos de todas as portas, assustadas e atormentadas. A morte rondava. D. Genu empurrou com decisão a porta, pôs a cabeça dentro do quarto, espiou, escutou. Um bafo quente de bolor e de urina espalhou-se no corredor, onde duas ou três velhas haviam nos seguido e esperavam rentes à parede, cheias de curiosidade. Uma Irmã de touca branca e rosto ainda mais branco apareceu e nos olhou calmamente, respondendo ao olhar interrogativo de minha amiga.

— Está melhor. A febre baixou esta madrugada.

O rosto de D. Genu escureceu de sombras:

— Será possível? Eu telefonei ontem à noite, disseram que ela estava com quarenta graus de febre, mais de quarenta, estava desenganada...

* Espécie de gordura extraída da cabeça de baleias, especialmente o cachalote, também conhecida como cetila ou cetina, antigamente utilizada como principal fonte de óleo para a iluminação pública e matéria-prima de velas finas, de chama limpa, duradoura e inodora, mais tarde substituída por produtos naturais ou sintéticos de origem vegetal ou derivados do petróleo. (N.E.)

D. Tututa convidou-nos para entrar e ver a doente. D. Genu foi a primeira; dirigiu-se ao leito, colocou a mão aberta na testa de D. Prudencinha. Voltou-se, desapontada:

— Então ela melhorou? Que coisa!

Em cochichos, D. Tututa explicou-nos que sim, o médico havia saído havia meia hora, a pneumonia estava cedendo, o organismo da enferma era resistente, ela reagia. Havia esperança. Desanimada, minha amiga depositou com impaciência a bolsa na mesinha coberta de remédios, sentou-se numa cadeira ao lado da cama e esperou.

— Ora esta. Ainda no caminho vim dizendo para D. Lola que desta vez seria difícil Prudencinha escapar. Com a idade que tem...

— Ela foi sempre muito forte — sussurrou D. Tututa.

— Mas com a idade que tem... Ela não está com quase noventa? É incrível, nunca vi isso. Qualquer outra esticava...

Lembrando que suas palavras não eram muito consoladoras, corrigiu:

— Graças a Deus...

No íntimo disfarçava a revolta, fora frustrada desta vez. Conversamos em voz baixa no meio do quarto; quando a doente fazia um movimento ou gemia, D. Genu se debruçava com solicitude, observava, escutava, passava a mão na sua testa, pegava-lhe o pulso, admirada de haver-se enganado. Uma hora depois, D. Prudencinha mexeu-se, abriu os olhos, pediu um prato de canja. D. Tututa deixou o quarto para encomendar a canja. D. Genu voltou-se para mim, indignada:

— Já viu que coisa? Pensei que não passasse de hoje, ainda vai sarar, imagine, está pedindo comida. Velha danada.

Quando saímos, as velhas espreitavam nos vãos das portas, pediam notícias, satisfeitas quando souberam da melhora.

— Prudencinha ainda vai enterrar estas corriqueiras — sussurrou-me a amiga. — Velha dura como o diabo. Para mim, a morte esqueceu-se dela...

Uma semana mais tarde, o filho menor de Isabel caiu doente. Isabel dava-lhe colherinhas de leite, mas ele recusava; apertava os lábios e empurrava a colher com as mãozinhas indecisas, quase sem forças. Ela se desesperava, inclinava a cabeça despendeada, suplicava com voz chorosa: “Tome um pouquinho, meu filho, um pouquinho só”. Era quase noite, a lâmpada da cozinha era pequena, e a luz tão fraca que mal se distinguiam os objetos; o fogo alegre e brincalhão dava estalinhos secos.

Ouvi passos cautelosos na calçadinha que circundava a casa; ele vinha sempre assim, silencioso, como quem quer surpreender, descobrir coisas erradas. Isabel estava na cozinha com Zezinho no colo, os filhos mais velhos no quarto. Os passos cessaram na porta da cozinha e, antes de tirar o chapéu ou dizer boa-noite, perguntou:

— Está melhor?

Ela sacudiu a cabeça, hesitante:

— Parece que tinha melhorado, agora não quer nada e o leite que lhe ponho na boca volta. Tem muita febre.

Felício aproximou-se e colocou a palma da mão direita na testa da criança; ficaram os dois atentos, perscrutando o rosto do filho.

— O médico vai voltar às oito horas.

Somente o rumor do vento em volta da casa, como que assobiando. Dirigiram-se para o quarto, ela carregando o menino. Falei em voz baixa que a sopa estava pronta, não seria melhor jantar? Tomar a sopa, ao menos? Não responderam. As três crianças que estavam no quarto vieram em silêncio, sentaram-se à mesa da cozinha; cortei o pão em pedaços pequenos. Ninguém falava. Fui ver se precisavam de mim. O quarto de Isabel e Felício dava para a sala de jantar, empurrei a porta; Zezinho estava agora no colo do pai, virando a cabecinha de um lado para outro, dando gemidos suaves. Isabel ia e vinha guardando roupas esparsas, enfileirando vidrinhos de remédio na cômoda. Do canto, sobre a mesinha de cabeceira, vinha uma luz mortiça, azulada. Ela esticou a colcha, pôs os travesseiros no lugar depois de sacudi-los, ajuntou xícaras e pratos usados, levou-os para a sala.

— Vão tomar um pouco de sopa, eu fico aqui com o menino.

Ela voltou, dobrou a toalha de banho, depois ficou de pé na frente do marido, olhando a criança. Insisti que ela precisava se alimentar, comer um pouco, ainda mais no estado em que estava. Ela continuou de pé, sem responder. A cabeça de Zezinho era como uma bola, virava para a direita, voltava para a esquerda, como à procura de alguma coisa. Pensei no arlequim. Da sua boca pequena saíam queixumes suaves, as faces vermelhas de febre.

— Não quero jantar, não quero nada.

A voz de Isabel era dura, revoltada. Voltei para a cozinha onde os meninos estavam lavando os pratos e Sílvia enxugando. Ela me perguntou fixando-me os grandes olhos castanhos:

— Ele está melhor, vovó?

— Parece que agora está melhor, creio que vai sarar.

As crianças foram dormir, sentei-me ao lado do fogão e esperei, esperei alguma coisa e ouvi o assobio do vento. A noite foi longa e incerta. De duas em duas horas, Felício ou Isabel vinham aquecer-se perto do fogo e tomar um pouco de café. Eu perguntava do menino, eles sacudiam os ombros, parecia melhor, não sabiam. Ninguém sabia se nosso Zezinho ia sarar ou morrer. Já madrugada, quando a luz do dia entrava frouxamente pela vidraça e minha cabeça pendia para o peito num cansaço imenso, Felício apareceu novamente e disse que o menino estava melhor, o médico tinha esperança. Fui ver. Zezinho dormia um sono agitado sobre o braço de Isabel, que cochilava, esgotada de fadiga.

— Então nosso Zezinho está melhor? Está reagindo?

Com muito cuidado, ela foi retirando o braço e disse que tomaria uma xícara de café, tinha os pés tão frios. O médico veio mais duas vezes esse dia.

Foi numa tarde de inverno fria e escura, a chuva caía fininha, fininha, e as folhas das árvores, dobradas para o chão, pareciam chorar. Os olhos dele foram se fechando devagarinho e a cabeça, que parecia uma bola, cessou de rolar. Isabel me olhou, aterrorizada, deu um grito:

— Mamãe, ele morreu.

A mão que eu guardava foi esfriando, esfriando. Como um passarinho. A casa ficou vazia. Sílvia, Carlos e Eduardo, os irmãos mais velhos, pensavam que no mundo só havia brinquedos, pular com uma perna só, bonecas, brincar de esconde-esconde; ficaram de repente sérios, olhos fundos, faces alongadas, bocas trêmulas, olhando o caixãozinho azul que ia indo pela rua afora. A vida ensinou-os num instante que além de tudo o que eles conheciam havia dor também, uma dor funda que aperta os corações, que esmaga. Os vestígios de Zezinho ficaram, pedaços deles em todos os recantos da casa: um bico de mamadeira, uma página de revista arrancada com força, peças de roupa, o babador no qual Isabel havia bordado com linha vermelha “José Felício” e, por fim, encontrei, numa gaveta, uma receita de sopinha de legumes.

Isabel parecia uma estátua, não chorava e não falava. Sentada na cadeira da sala, ficava horas inteiras olhando o chão, parada e muda. Eu passava a mão na sua cabeça, procurava conversar, falava dos outros filhos.

— Sílvia vive falando que quer estudar piano, não sei onde essa menina viu piano, só fala nisso. “Ih, vovó, se eu tivesse um piano.” Tem músico na família, olhe o tio Damião como toca bem, até escreve música; ela tem por quem puxar, agora só fala nisso. Mania.

Um dia, ela apenas me perguntou com voz seca, olhar duro:

— Lembra quando ele batia palminha?

Eu ainda via Isabel dançando diante dele com o prato de mingau nas mãos dizendo: “Bata palminha pra mamãe. Onde está o filhinho da mamãe?”. E o riso de gengivas vermelhas escancarando a boca, o agitar enérgico de braços exigindo a sopa, os gritos, as mãos rechonchudas, como não havia de lembrar? Isabel não chorava; os olhos secos, as mãos cruzadas sobre o ventre, fixava o chão numa obstinação doentia. Dias passaram depois da morte do menino e ela com olhos parados, não falava, não chorava. Os mais velhos olhavam aquela mãe tão estranha, Felício ia para o quintal, sentava-se com a cabeça entre as mãos.

E Isabel? Continuava imóvel, recusava os alimentos e só aceitava água que tomava aos copos como se nunca pudesse extinguir aquela sede que a devorava.

Carlos veio do quintal uma tarde, com um boneco quebrado entre as mãos, era o boneco que Zezinho abraçava todas as noites ao dormir. Colocou o brinquedo sobre a mesa; pôs-se a examiná-lo. Nesse instante Isabel levantou a cabeça e olhou o boneco, ficamos esperando. Fitou-o intensamente durante alguns minutos, depois fez um gesto como se quisesse pegá-lo; de repente, as lágrimas correram-lhe pelas faces e ela começou aos gritos: “Meu filhinho, meu querido filhinho”.

Era um boneco à toa, um arlequim desengonçado, de pernas tortas, mas cresceu, dominou, encheu a casa e foi colocado no quarto do casal, sobre a cômoda, como se fosse a imagem do Menino Jesus. Foi por isso que deixei a Pensão de Irmãs onde morei durante anos, por causa do Zezinho. A casa parecia vazia sem ele, mas Isabel esperava outro filho.

Felício passou dias e dias de cara enfarruscada, de mal com o mundo. Não saiu do quarto nem falou com ninguém. Quando eu chamava de manso, com cuidado:

— Felício, venha jantar.

— Não quero.

A voz vinha do fundo do quarto, zangada. Um dos filhos perguntava com medo:

— Papai não vem almoçar?

— Não.

— O café está na mesa, Felício.

— Não quero café.

— Quer chá?

— Não.

— Quer beber alguma coisa?

— Não.

Era um *não* seco, áspero, atirado longe como uma pedra para acertar. Ele parecia um menino brincando sem vontade, perguntando e respondendo zangado:

- Onde está o fogo?
- Água apagou.
- Onde está a água?
- Boi bebeu.
- Onde está o boi?
- Amassando trigo.

Ele queria Zezinho, mas Zezinho fora embora num caixão azul enfeitado de ouro, amores-perfeitos amontoados no peito, margaridas nas mãos, rosinhas nos pés. Tão bonito. Como um anjo a quem só faltassem asas; com certeza arranjou-as no caminho para alcançar mais depressa o Reino dos Céus. Anjinho.

As últimas dores já não me marcavam, eram como água deslizando sobre pedra. Não penetravam.

Eu me lembro de Isabel quando era solteira e ia aos bailes de vestido branco, fita nos cabelos. Nesse tempo era linda e leve, leve de corpo, leve de dores. Durante todos esses anos de casada, quando vieram os filhos e os trabalhos, esperei que de seus lábios viesse um queixume ou um pedido de conselho, ou uma palavra de arrependimento. Nada. E mesmo quando sofreu sua mais funda dor, seus lábios continuaram mudos.

Ela passava e tornava a passar na porta do meu quarto, pesada e silenciosa; ia à cozinha buscar alguma coisa. As crianças brincavam no quintal sem fazer barulho; quando o pai estava em casa a ordem era: silêncio. Ela arrastava os pés inchados, despen-teada, o rosto manchado de amarelo: tornava a passar, a testa cheia de rugas.

— Quer que eu faça café, Isabel? A água está fervendo.

Ela ficava por ali suspirando, apoiando-se à mesa da cozinha, olhando através da vidraça os filhos sob a ameixeira. As crianças preparavam-se para a escola. Eduardo era o mais velho, filho da primeira mulher de Felício. Tristonho e retraído, visitava a mãe uma vez por semana, aos sábados. Voltava com um pacote de doces e com os olhos vermelhos. Não sei

o que Felício fez para tirá-lo da companhia da mãe; Isabel apenas me anunciou um dia:

— O filho de Felício vem morar aqui.

Veio um menino magro, de olhar medroso, rosto cheio de sardas, feio. Saía aos sábados e voltava tarde, devagar, delongando o momento de entrar. Trocava de roupa e, sem dizer palavra, procurava os irmãos no quintal. Tinha doze anos. Carlos e Sílvia eram os de Isabel, alguns anos mais moços. Os três pareciam quietos e retraídos, só perdiam a timidez quando o pai se ausentava.

Haviam residido no bairro do Cambuci, numa rua perdida no emaranhado de outras ruas, depois mudaram-se para outra casa no mesmo bairro, quase no descampado, numa rua tortuosa, cheia de capim, onde eu viera também residir.

Eu costurava e ouvia o silêncio durante as horas em que os meninos estavam na escola. Isabel e eu nos alternávamos nos serviços da casa, raramente saíamos; Felício trazia todas as noites pacotes de mantimentos que esparramava na mesa da cozinha, silencioso. Jantávamos nessa mesma mesa e muitas vezes somente o ruído dos pratos e talheres era ouvido na casa.

Estávamos em agosto, fazia um mês que Zezinho se fora. Felício passou dias sem falar, sombrio, esbravejando por qualquer coisa, batendo portas, carrancudo. Um dia ouvi Isabel perguntar se já avisara D. Venuta; respondeu de mau humor, virou as costas, a porta estalou com o baque.

Uma semana depois, Felício veio ao meu quarto pedir para eu ficar com Isabel enquanto ia buscar a parteira. Estava chovendo e fazia frio. Isabel começou a gemer e a perguntar as horas, como se assim o tempo passasse mais depressa. E ele pôs-se a correr de um lado para o outro, agitado; sempre auxiliava os partos da mulher, dizia que estudara Medicina durante dois anos e não havia necessidade de médico.

O fogo de lenha crepitava no fogão; fui ficando aflita, tudo podia acontecer naquele ermo, sem telefone, sem comunicação. A água estava fervendo quando ele voltou com D. Venuta. Era uma mulher alta e forte, de braços robustos, seios grandes.

Foi entrando e dizendo que tomaria vinho, com aquele frio que penetrava até os ossos. Felício trouxe a garrafa e dois copos; beberam depressa enquanto Isabel gemia no quarto, apertando a boca no travesseiro. D. Venuta tirou o casaco, arregaçou as mangas, resoluta; estalou a língua, o vinho reconfortava e por que Isabel inventara de ter criança numa noite daquelas? Sua voz era forte e grossa. A que horas rompera a bolsa de águas? As roupas estão passadas? A água fervendo? Por que não dão água com açúcar para aquela chorona?

Parecia mais alta, os braços nus musculosos, andando de um lado para outro, fazendo perguntas seguidas. Era um vozeirão grosso, de gigante. Forte como um homem, ossuda, peituda, o lábio superior coberto de pelos escuros. Falou alto para Isabel ouvir:

— Quem precisa hoje da Benevenuta? Quem vai pôr criança no mundo nesta noite gelada?

Ria com estrondo e socava o peito:

— Benevenuta. Benevenuta.

No quarto baixou o tom de voz:

— Vamos ver esta menina, vamos ver como vai isto.

Fecharam-se. Fui para a cozinha, comecei a tremer. Ouvia a voz de D. Venuta ordenando que gritasse, agarrasse a grade da cama, fizesse força. Força. Isso mesmo.

Sílvia apareceu estremunhada na cozinha, ouvira gritos. Vá dormir, volte para o quarto, durma. Crianças precisam dormir. Eu destampava a chaleira, andava, espiava a água, atiçava o fogo, mais lenha no fogão. Lavava as pontas dos dedos, enxugava-os, crianças precisam dormir. Ouvira gritos, mentira. Por que vinha com aquele rosto pálido, tremendo de frio, espiar a cozinha?

Segure a grade da cama, faça força, assim, grite, grite. Eu girava, via as panelas dependuradas, arrumava uma, passava a mão na outra, destampava a chaleira outra vez. A água palpitava, pulava. Gotas caíam na chapa, chiavam. Onde estavam as roupas passadas a ferro? Mostraria com a mão, ali. Zezinho morrera, outro Zezinho ia nascer. A tampa da chaleira saltava; espiei outra vez, enchi outra panela de água, coloquei-a sobre o fogão. Gemidos.

Sozinha, esperei o dia amanhecer, um dia chuvoso, o vento a sacudir as folhas das árvores. Eu perguntava se precisavam de mim, dos meus serviços, das minhas mãos que tanto já haviam trabalhado, não, não, a voz de D. Venuta era um trovão. E minhas mãos inúteis e os gemidos de Isabel a me torturarem e eu me lembrava de quando ela era mocinha, fita nos cabelos e vestido branco, longe de toda aquela miséria, toda aquela dor, a dançar, a girar, a rir. Fiquei olhando as minhas mãos inúteis e falando em voz alta como se alguém estivesse ali e me ouvisse; falava para as panelas dependuradas, para a água fervendo, para o dia que vinha surgindo.

Por que tanto sofrimento? Que mocinha feliz ela fora, dançando como uma flor! Agora estava estendida naquele leito. Ruptura da bolsa de águas, faça força, grite, segure a grade da cama, tome água com açúcar, isso mesmo. E com aquele marido... Eu batia no parapeito da janela e repetia as palavras esperando a manhã.

Isabel gritava de dor, o vento urrava lá fora, eu escutava atrás da porta e mordida minhas mãos inúteis. Passaram as horas da manhã de agosto, eu a dizer que Zezinho viera ao mundo com sofrimento, depois morrera e antes morrer do que viver naquela casa onde quase não havia alegria. Ninguém podia ser alegre e viver sob o mesmo teto que Felício; tinha um gênio tão incompreensível, tão sombrio. Batia nos filhos, sacudia as portas com tanta força que a casa parecia estremecer.

Nesse tumulto de pensamento, vi Felício sair do quarto e ir fumar um charuto no terraço; voltou dizendo que estava ventando, eu disse que lá ventava sempre, como ela ia passando, não seria melhor chamar um médico? Na mesma. Não, não, para que médico? Essas coisas são assim mesmo. Sentou-se na cadeira que ocupava sempre para ler jornais e fumou serenamente o charuto, presente de D. Augusta. Por que a dor não cessava? Não acabava de uma vez? Na mesma. Tapei os ouvidos, grite, grite.

Percebi vai e vem, movimento, passos apressados, batidas de portas, a voz de D. Venuta como um trovão a rolar. Onde estão as roupas? Corri, os gemidos cessaram, foram se encolhendo, amortecendo. Choro de criancinha. A parteira passou nos seus passos de gigante, voltou, quebrou ampolas, injeção, a menina é uma beleza. Menina? O fio de linha para o umbigo, onde está? As roupas? A placenta saiu. As roupas estão aqui. Pode entrar, minha mãe. Ele está radiante, me chamou de minha mãe. Lembrei de uma antiga vizinha que dizia “muito radiante”. D. Venuta lidava com Isabel, parecia um açougueiro gordo. A criancinha chorava, toda vermelha. Comecei a rir, a princípio baixinho, devagarinho, disfarçando; depois o riso foi aumentando, foi sacudindo meus ombros, todo meu corpo. A criancinha berrava que era um gosto, senti alívio, toda a aflição se desvaneceu, só queria rir, até dar gargalhadas. Isabel tinha um ar cansado, sorriu de leve:

— Mamãe, viu a menina?

Fui preparar a mesa do café, o corpo todo tomado de riso, de felicidade. A chuva caía mansinha, gelada, batia na vidraça com cuidado, não queria fazer barulho. D. Venuta começou a contar casos, falando alto, a boca cheia de pão e queijo, Isabel fora feliz, a criança era formidável. Dias antes assistira a um parto, aquilo que fora parto, o de Isabel não fora nada, brincadeira. A tal mulher berrara noite e dia que nem bicho, nada se resolvia; no fim, cesariana.

— Mais um pouco de café, faça o favor. Sim senhora, cesariana ali no duro.

Boca cheia, pão e queijo, mastigou forte, o marido da tal quase morrera de susto. Começou a rir, seu peito tremia com as risadas. Ah, ah, ah. Me deu com o cotovelo:

— Está louca de alegria com a netinha e está disfarçando, não é? Pensa que me engana?

Ri e fiquei engasgada, ela me socou as costas.

— Olha a avó como está orgulhosa, até teve engasgos.

Sua risada ressoava pela casa, rimos juntas enquanto ela esmurrava minhas costas. Meus olhos pareciam querer saltar das órbitas. Que mulher.

As crianças apareceram assustadas, olhos grandes de medo. O pai disse:

— Nasceu mais uma irmázinha, agora está dormindo, depois vocês vão ver.

Ficaram olhando o pai; Carlos perguntou o nome, o pai disse que eles iam escolher, fossem pensando. Olharam-se e sorriram. D. Venuta preparou-se para sair, tudo correrá às mil maravilhas, voltaria mais tarde. Deu piparotes na cabeça das crianças, fez recomendações, adeus, foi embora. Parecia dar socos onde passava, bigoduda, mulherão. Fui espiar a criancinha ao lado de Isabel; tinha o rosto sereno e dormia. Isabel também parecia dormir, uma expressão desolada de grande desânimo. Onde estava aquela mocinha de fita nos cabelos e vestido branco que girava na sala e fazia caretas para os irmãos?

II

COM A GUERRA E O RACIONAMENTO, a vida foi ficando difícil; era como um círculo que nos fosse apertando, até nos sufocar. Eu saía às seis horas da manhã para ir à fila de carne e de pão, depois comecei a sair às cinco, depois às quatro da madrugada. Muitas vezes Felício me acompanhava às duas horas, noite fechada, até à porta do açougue, onde eu esperava minha vez. E quantos dias voltava sem trazer nada porque o açougueiro anunciava da porta, sob a luz mortiça, o avental manchado de sangue: “Não há mais carne”. Ou então era o padeiro que dispersava as filhas: “Acabou-se o pão”.

As crianças tomavam café com polenta de manhã; o leite era cada vez mais difícil, dávamos leite condensado, quando havia. Mas quando pensávamos que, na Europa, os povos sofriam fome e bombardeios, sentíamos certo alívio pensando que no Brasil não havia uma coisa nem outra; é verdade que tudo era difícil e nem sempre havia o que comer, mas havia substitutos, mandioca ou polenta em vez de pão.

A menina ficou se chamando Maria Helena, mas nós dizíamos apenas Lena. Os padrinhos que haviam batizado Sílvia batizaram Lena num sábado à tarde. As crianças vestiram as melhores roupas, a casa foi encerada, a madrinha mandou um vestido de renda e Lena ficou muito bonitinha, o rostinho redondo e corado. Fiquei preparando a mesa do lanche para